

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Emmanuel Carneiro Leão

O homem não vive para trabalhar. Trabalha para viver. Na prática da vida, o trabalho – *tripalium* – não é uma atividade imanente, a saber, uma atividade, em que o homem se dirigisse para dentro e cuidasse de si mesmo. Diretamente, o trabalho se dirige para fora. É uma atividade transiente, que só por repercussão atinge o próprio homem.

Outra é a vigência do pensamento. Como homem, todo homem vive operativamente por e para pensar, em tudo que faz ou deixa de fazer, o mistério de ser que, ao mesmo tempo, ele nunca é, nem deixa de ser de todo. Nesses termos, o pensamento não é nem só imanente, nem só transiente. Trata-se de um vigor tão abrangente que o homem é e age enquanto é e age. Assim, o homem não é Midas do pensamento. Não transforma em pensamento tudo que toca. Em sua existência, o homem é o Midas do ser, em cujo pensamento aparece sempre o mistério de tudo que toca.

E mistério, que é isso?

Mistério é a imensidão livre e desimpedida que se dá, como horizonte, e se reconhece fora das possibilidades de conhecer e fazer. É retirando-se que o mistério deixa ser e possibilita tudo que é, não é e vem a ser. Pois bem, é esse horizonte de mistério que sempre se retrai e, retraindo-se, atrai e se dá como o mistério que constitui a terceira margem do pensamento.

Nessa terceira margem, o homem, desde quando é homem, já vive sempre inserido de algum modo. Da terceira margem brota a história humana. Retraimento é acontecimento. Com retraimento, acontece e se dá a apropriação das propriedades de ser e não ser homem dos homens. Na terceira margem, todo “*cogito, ergo sum*” da consciência moderna supõe “*sum, ergo cogito*” do pensamento humano e todo “*cogito me cogitantem obiectum mihi obiectum*” próprio da condição humana.

É por isso que o homem sempre está pensando, tanto quando é como quando não é, quando cala não menos do que quando fala. Pensar é o envio sempre endereçado pelo destino e ser e não ser homem dos homens. Se o homem não soubesse nada de nada com um saber feito só da experiência de ser, não poderia também pensar nada. Toda procura de conhecimento ser-lhe-ia impossível. Se já soubesse tudo e tudo, não lhe valeria pensar nada. Toda procura seria inútil. Para pensar e conhecer é preciso, ao mesmo tempo, saber e não saber o ser que já se é e não é.

A terceira margem, o homem não pode nunca deixar de procurar por já sempre tê-la encontrado no ser que é e não é. Pensar diz, portanto, conhecer, mas conhecer no sentido originário de nascer com, de *cognoscere*, de *con-naiître*. Pensar não é poder, é aceitar não poder e receber do outro de si mesmo e dos outros e do não outro as virtualidades do próprio pensamento. Pensar é, como diz Immanuel Kant na *Crítica da razão pura*, o maior índice de finitude. O homem só pensa e tem de pensar porque sua intuição não é criadora, mas receptora do real, que já é e está sendo.

E por que a terceira margem? Terceira margem não só remete para uma primeira e segunda margem. Não diz apenas dualidade e separação. Terceira margem diz também e sobretudo o mistério de uma reunião. E por quê?

Porque toda divisão e pluralidade provém de uma dinâmica de reunião. No pensamento da realidade, o primeiro número, no sentido de primordial, não é o um. É o três, o acolhimento exordial tanto da unidade como da dualidade. É o numerador de toda relação, a fonte de qualquer numeração. No três temos conjugados o um, o dois e a união do um com o dois. Três não é a soma ou adição de dois mais um. Três é a integração viva e reciprocamente circular da reunião, que sempre inclui diferença e igualdade de unidades. A singularidade das unidades de uma união provém da geração criadora de uma atividade. É a circulação do Bem, que sempre contagia e propaga. *Bonum est diffusivum sui*. A terceira margem garante na circulação de identidade e diferença sempre novas gerações de ser e pensar. Na tradição totêmica dos bororós, a terceira margem é a taquara, o vegetal totem da tribo, que morre, mas sempre de novo renasce em seus rebanhos.

Com o surto da técnica e o progresso da ciência, o conhecimento objetivo foi deixando cada vez mais de pensar, aceitando o real em sua realidade de mistério, para vir a ser, assintomaticamente, dominação e controle da razão. Na racionalidade, o real se transforma em objeto e o homem em sujeito. Sujeito e objeto são processos metafísicos de constituição recíproca. Por isso, diz Hegel que toda objetividade já é de per si subjetividade e vice-versa. Nessa recíproca constituição, a razão conhece objetos e institui sujeitos, criando dispositivos, construindo próteses, produzindo ciência e tecnologia. O desconhecido vai sendo pretensamente conhecido e o artificial vai substituindo, cada vez mais, o natural. No início de um pequeno ensaio, “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral”, escreve Nietzsche em 1873:

Em algum recanto perdido do universo, espalhado nas cintilações de um sem número de sistemas solares houve, certa vez, uma estrela, em que animais astutos inventaram o conhecimento. Foi o instante mais orgulhoso e mais mentiroso da história do cosmos. Após poucos suspiros da natureza, a estrela se apagou e os animais astutos tiveram de morrer.

Outro é o modo de pensar do pensamento radical. Aqui, o pensamento não conhece nada no sentido da racionalidade objetiva. Ao contrário, o pensamento reconduz o conhecido subjetiva-objetivamente para o desconhecido. Todo pensamento, na medida que pensa, apenas percebe o mistério do ser e do nada e, por isso mesmo, não pode explicar nem produzir nada. Só pode aprender com o conhecido o desconhecido. Numa anotação para sua obra principal, Nietzsche diz dos pensadores filósofos:

É necessário, é talvez até desejável, que a filosofia seja uma planta rara. Nada me é mais repugnante do que a louvação erudita da filosofia de Sêneca ou mesmo de Cícero. Filosofia tem pouco a ver com virtude. Seja-me permitido dizer que mesmo o homem de ciência é algo profundamente diferente de filósofo. O que desejo é que, entre tanta louvação e tanta ciência, a filosofia não venha a desaparecer de todo da Alemanha.

Em toda leitura e interpretação de pensamento de alguma experiência, de uma citação ou texto, está em jogo a capacidade de pensar radicalmente de quem lê e interpreta e não do autor em causa. Se a aprendizagem do pensamento passa sempre pelos pensamentos dos grandes pensadores, sejam filósofos ou poetas, uma leitura e interpretação com o propósito de aprender a pensar não podem ser ideológicos. Não se estudam as obras dos pensadores para repetir as atitudes que tomaram, as posições que defenderam, as questões que colocaram ou as respostas que deram. “*Die Philosophie ist keine Lehre, sondern eine Tätigkeit*”, escreve Wittgenstein no *Tractatus Logico-philosophicus*, “a filosofia não é uma doutrina, é uma atividade”! Que atividade? – a atividade de aprender e ensinar a pensar. A tarefa do pensador não é dar respostas nem formular teorias. É pensar a irrupção das diversas perguntas, das muitas respostas e teorias em seus respectivos pressupostos de sustentação. As diferenças não ameaçam, alimentam a vitalidade do pensamento. Na história do pensamento se faz a experiência saudável de que a verdade de ser e não ser não está nas partes. Para Hegel, as partes são passagens de que necessita a verdade para chegar a si mesma no todo. A verdade é o mistério da totalidade. Se na ciência prevalece o “sei que sei”, no pensamento vale a fórmula socrática “eu sei que não sei”. Este “que” não tem função, nem categorial, nem transcendental, quer seja causal, “sei porque não sei”, quer seja integrante, “sei o fato de eu não saber”. A formulação não visa a constatar um fato ou sua aceitação por Sócrates. Fala sobretudo de uma realização e modo de ser. A realização e o modo de ser do filósofo nos homens. O pensador em todo homem vive, em tudo, o não saber. Pensar não é saber, é não saber. Quando se pensa, ainda não se sabe. E quando já se sabe, não se pensa. Desde o poema de Parmênides, pensador é quem não cessa de questionar as raízes e sua falta, em que se encontram e desencontram, na encruzilhada da verdade, os caminhos de ser, de não ser e parecer.

No mesmo dia do colapso mental nas ruas de Turim, Nietzsche exprime num cartão postal enviado ao amigo Jorge Brandes as relações do pensamento vigentes em todo esforço de pensar, com três verbos: *entdecken*, *finden* e *verlieren*, ou seja, descobrir, encontrar e perder. É o seguinte o teor do cartão postal:

Turim, 04.01.1889

Caro Jorge

Depois de me teres descoberto

Não foi difícil me encontrar,

A dificuldade agora é me perder!

O Crucificado!

Este é um dos chamados *Wahnzetteln*, bilhetes da loucura. Nietzsche não está falando de suas obras, mas do pensamento radical e do modo extraordinário de o pensamento radical operar, isto é, de como ele se põe em obra, age e trabalha. Os verbos se referem aos pensadores de todos os tempos e seus pensamentos, qualquer que seja a situação individual, ideológica ou patética de cada um.

Só se poderá corresponder à terceira margem no pensamento de um pensador se se conseguir ler sua escritura numa leitura libertadora de nosso próprio pensamento, isto é, numa leitura que nos liberte a capacidade de pensar das peias das ideologias até mesmo dentro da própria ideologia. O pensamento radical nos livra de qualquer ranço ideológico de discriminação. É o pensamento radical que pode libertar *La Fiction du politique* (Lacoue-Labarthe, p. 76) de discriminar “*la logique symbolique*” e entre o extermínio dos judeus e o extermínio dos ciganos. Na terceira margem do pensamento, também a “lógica simbólica” e “a significação metafísica” são as mesmas para todos os homens, sejam eles judeus ou ciganos. A passagem é a seguinte:

c'est précisément pour éviter tout “pathos exterminationiste” que je n'ai pas parlé des autres victimes du massacre, dont le sort relève bien de la même logique exterminationiste (et je concède sans difficulté que le nazisme, de ce point de vue, n'est nullement exceptionnel), mais non toutefois de la même logique symbolique, si l'on peut du moins s'exprimer ainsi. Cela ne veut pas dire que l'horreur est à son comble, si les victimes sont les petits-bourgeois européens.

Não existe um método de estudo nem uma filosofia que nos proporcione as condições para uma compreensão criadora dos pensamen-

tos dos filósofos. Nem a própria filosofia nos garante um entendimento livre. Toda obra criadora pertence à terceira margem do pensamento. Pois esta transcende a própria filosofia, ultrapassa qualquer parâmetro, remetendo-nos para fora e para além de toda posição fundamental em que ela mesma se planta. O único sentido de uma obra filosófica na Terceira Margem do pensamento é precisamente rasgar novos horizontes, é instaurar novo princípio, em que os recursos, os caminhos e padrões da obra se apresentem superados e insuficientes, se mostrem exauridos e vencidos pelo novo nascimento histórico. Instituinto outros paradigmas de questionamento, uma obra de pensamento teria novas regras de leitura. Ora, toda explicação, no sentido do conhecimento objetivo, recorre ao já dado, remete para o já sabido, excluindo de qualquer explicação tudo que for libertador e criativo, tudo que inaugurar uma transição histórica. E não é somente isso. O predomínio das explicações destila por toda parte uma compulsão de repetir a que nada poderá resistir, como se já não pudesse haver nenhuma criatividade e tudo se reduzisse à miragem de um deserto monótono e incapaz tanto de viver como de morrer. Talvez se perceba um pouco o horizonte de mistério da terceira margem do pensamento que quanto mais se busca, mais se retrai e, retraindo-se, nos atrai a sempre novas tentativas de pensar radicalmente.

Referências bibliográficas

LACQUE-LABARTHE, Philippe. *La Fiction du politique*. Paris: Bourgois, 1987.

Resumo

Qual a mútua referência existente entre homem e terceira margem? Pode-se tentar apontá-la no trabalho, no pensamento, na filosofia, ou, ainda no mistério, que engloba as três dimensões anteriores. Assim, torna-se necessário se perguntar pela identidade do mistério e como esse se faz presente no trabalho, na filosofia e no pensamento.

Palavras-chave

Terceira margem; mistério; filosofia; pensamento; verdade.

Recebido para publicação em
10/10/2009

Abstract

What is the mutual reference between man and the third bank? One might try to outline it in the spheres of work, thought, philosophy or even in mystery, which comprehends the previous spheres. As a result, one must finally think about the identity of mystery itself and how it relates to work, philosophy and thought.

Keywords

Third bank; mystery; philosophy; thought; truth.

Aceito em
09/02/2010

